

POR UMA LITERATURA MENOR: PRODUÇÃO LITERÁRIA PARA A INFÂNCIA¹

Betina Hillesheim²

Resumo

A literatura infantil tem sido relacionada a uma condição de menoridade, isto é, a uma produção literária de qualidade inferior, a qual se esgota em um projeto utilitário, pedagógico, o qualificativo infantil associa-se a um leitor previsto – a criança –, sendo que este gênero literário guarda um estreito vínculo com determinadas concepções de infância que consideram a criança como um ser em desenvolvimento, o qual necessita ser preparado para assumir seu futuro lugar na sociedade. A literatura infantil absorve, assim, a menoridade de seu destinatário. Este trabalho visa discutir a noção de literatura menor a partir das contribuições de Deleuze e Guattari, isto é, não como uma literatura que tenha um valor diminuído, mas como uma língua de uma minoria diante de uma língua maior, traçando linhas de fuga para a linguagem e possibilitando a invenção de novas forças. Pensar o menor como proposto aqui, portanto, significa compreendê-lo como aquele que está abaixo da palavra de ordem, localizando-se fora das imagens impostas pela maioria e desafiando a formação de um só dogma, de uma verdade. A literatura infantil torna-se, assim, um exercício de alteridade, uma literatura que faz a língua vibrar, conduzindo-a a uma terra na qual habita uma minoria, preservando o novo e renovando formas de viver e pensar o mundo.

Palavras-chave: infância, educação, literatura infantil.

¹ Este trabalho foi apresentado no 3º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação, ocorrido de 04 a 06 de agosto de 2008, na ULBRA – Canoas, RS.

² Psicóloga, Doutora em Psicologia (PUCRS), docente do departamento de Psicologia e do Mestrado em Educação da Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC.

A literatura infantil tem sido relacionada a uma condição de menoridade, isto é, a uma produção literária de qualidade inferior, desvalorizada, a qual se esgota em um projeto utilitário, pedagógico. Aponta-se que a adjetivação *infantil* marca tanto um investimento na infância como uma categoria que passa a existir a partir do século XVII e que é compreendida como portadora de determinadas especificidades, quanto determinadas práticas para governar as crianças. Deste modo, Lyons (2002) assinala que as necessidades do leitor infantil eram reconhecidas apenas com um propósito de imposição de um código moral, com intenções explicitamente pedagógicas. Neste sentido, podem-se citar as transposições dos contos de fadas da literatura oral para a literatura infantil, tanto no que se refere a reformulações que visavam destacar a moral vigente, quanto à *higienização* das histórias, suprimindo aspectos considerados inadequados às crianças.

Deve-se considerar ainda o peso circunstancial que o termo *infantil*, ao definir a destinação da obra, traz para a expressão literatura infantil. Portanto, o adjetivo *infantil* relaciona-se a uma diminuição de seu valor artístico, ou seja, o endereçamento para crianças coloca-a como uma produção cultural inferior (LAJOLO e ZILBERMAN, 1999). Desta forma, o qualificativo infantil associa-se a um leitor previsto – a criança –, sendo que, conforme assinala Mortatti (2000) este gênero literário guarda um estreito vínculo com determinadas concepções de infância que consideram a criança como um ser em desenvolvimento, incompleto, o qual necessita ser preparado para assumir seu futuro lugar na sociedade. Além disto, a literatura infantil também assimila a transitoriedade da infância, transformando-a em uma espécie de ‘ainda não literatura’ (Lypp apud ZILBERMAN, 1998).

Tendo estas questões em vista, o presente trabalho visa discutir a noção de literatura menor a partir das contribuições de Deleuze e Guattari, pensando em outras relações possíveis entre os campos da pedagogia e da estética na literatura infantil e ampliando o sentido de menor para além da condição de inferioridade e desvalorização. No texto *‘Kafka: por uma*

literatura menor' (1977), estes autores realizam uma inversão do conceito 'menor', entendendo uma literatura menor não como uma literatura que tenha um valor diminuído, mas como uma língua de uma minoria diante de uma língua maior, sendo que uma de suas características é um forte componente de desterritorialização. Nesta perspectiva, em uma literatura menor, tudo é político e relaciona-se com o povo: trata-se, assim, de tornar-se um estrangeiro em sua própria língua e encontrar na pobreza da língua um uso criador. Uma literatura menor, portanto, está associada a um devir-minoritário, traçando linhas de fuga para a linguagem e possibilitando a invenção de novas forças (DELEUZE, 1992). Pensar o menor como proposto aqui significa compreendê-lo como aquele que está abaixo da palavra de ordem e que se localiza fora das imagens impostas pela maioria. Além disto, salienta-se que não se trata de uma idéia fundamentada em um binarismo entre língua menor x língua maior, pois, em uma concepção deleuziana, a língua menor se realiza sempre dentro da língua maior, constituindo-se como uma estratégia geradora de tensão na língua da maioria (MATHIAS, 2007).

Conceitualizar a literatura infantil como literatura menor, no sentido deleuzo-guattariano, implica interrogar se, apesar da filiação – muitas vezes, explícita – a um projeto pedagógico que vincula o livro infantil à formação de cidadãos, a literatura infantil pode funcionar como imagem de devir, constituindo-se como potência, criação, algo que beira o impossível. Para tanto, cabe indagar o que acontece no *intermezzo* destes dois grandes blocos – a literatura e o infantil –, os quais são definidos como campos da estética e da pedagogia.

Assinala-se que não se trata de uma questão de acento, isto é, marcar um ou outro campo como prioritário para a análise, mas sim, descaracterizar o infantil como adjetivo da literatura (e, portanto, tanto subsidiário em relação a esta, como determinante do modo de leitura destas obras) e tomá-lo também como substantivo. Assim, o foco de interesse são as

relações entre a literatura e o infantil: como é possível que sobre linhas tão diferentes se produzam formas de pensar a infância? O que se passa *entre* a literatura e o infantil?

A idéia de *entre*, de acordo com Deleuze (1992), implica no abandono das noções essencialistas, na medida em que se introduz, no lugar do verbo ser, a conjunção ‘e’. O *entre* é o espaço da fronteira, um ponto onde não se é nem uma coisa nem outra, mas se está entre os dois. Pensar a literatura infantil a partir disto significa problematizá-la justamente no que se refere a este encontro entre a estética e a pedagogia, acompanhando seus movimentos, buscando entradas e saídas múltiplas.

Um delicado traçado une a literatura e o infantil. Por um lado, na medida em que a Pedagogia estabelece-se como o “o domínio em que a arte de governar os infantis e suas vidas se produzirá” (CORAZZA, 2002. p.157), pode-se dizer que o entrelaçamento dos campos da estética com a pedagogia constitui-se como parte de uma incitação a falar da infância e para a infância, isto é, como uma tecnologia de governo que, mediante relações de poder-saber, investe na criança, fabricando uma infância moderna. Por outro, como aponta Zilberman (1998), a literatura infantil também abarca o gesto de rebeldia, possibilitando novas composições entre o adulto e a criança.

Nesta direção, Hermann (2002) destaca a dupla figura da razão e sensibilidade incorporada pelo iluminismo: enquanto o discurso pedagógico associa-se às categorias de ordenação, civilização e moralização, a experiência estética sempre se confrontou com o racionalismo, fazendo-se acompanhar pelo estranho, pela inovação e pela pluralidade. Ao reunir conhecimento e sensibilidade, a experiência estética introduz a alteridade, liberando as idéias do plano perceptivo/cognitivo e possibilitando novas configurações imaginativas. A estética, assim, é uma experiência que abre o mundo, o qual passa a ser visto por novos prismas.

Pensar a literatura infantil como literatura menor supõe compreendê-la como uma literatura que, ao costurar a estética e a pedagogia, torna-se balbuciante, (des)equilibrando-se neste interstício. Uma literatura repleta de indecisões e intervalos, que, tal como a fala infantil, busca novos usos para a língua, introduzindo um *E* criador em um mundo caracterizado por um pensamento dicotômico. Desta maneira, não se questiona sobre uma suposta essência pedagógica da literatura infantil ou uma possível inscrição no campo da estética, visto que, na medida em que algo se constrói *entre*, já não se tem a mesma natureza que os elementos que o compõem ou sequer suas relações.

Se, “o menor se exprime na multidão e funciona como força subterrânea, cheia de fluxos contraditórios e divergentes, que proliferam e desafiam a imposição de um só dogma, de uma só imagem para a verdade” (TADEU, CORAZZA e ZORDAN, 2004. p. 87), pode-se supor que uma literatura ‘maior’ seria aquela comprometida, conforme expressão utilizada por esses autores, com as carcaças de uma sociedade disciplinar. Assim, a questão que se coloca é: a literatura infantil filia-se a este universo ‘maior’ ou é pode-se fazer dela um uso ‘menor’?

Formular a literatura infantil como menor significa, tal como propõe Deleuze (1997), “sair da filosofia pela filosofia” (s.p.), isto é, sair permanecendo dentro, traçando linhas de fuga. Parafraseando Deleuze, sair da literatura infantil pela literatura infantil pressupõe a compreensão que a literatura infantil engloba seu próprio lado de fora, sendo que o verdadeiro fora não está em outro lugar, mas deve ser procurado dentro dela mesma, explorando as pontas da desterritorialização. Sobre este aspecto, Zourabichvili (2004) pontua que

fugir é entendido nos dois sentidos da palavra: perder sua estagnidade ou sua clausura; esquivar, escapar. Se fugir é fazer fugir, é porque a fuga não consiste em sair da situação para ir embora, mudar de vida, evadir-se pelo sonho ou ainda transformar a situação (este último caso é mais complexo, pois fazer a situação fugir implica obrigatoriamente uma redistribuição dos

possíveis que desemboca - salvo repressão obtusa - numa transformação ao menos parcial, perfeitamente improgrável, ligada à imprevisível criação de novos espaços-tempos, de agenciamentos institucionais inéditos; em todo caso, o problema está na fuga, no percurso de um processo desejante, não na transformação cujo resultado só valerá, por sua vez, por suas linhas de fuga, e assim por diante). Portanto, trata-se de fato de uma saída, mas esta é paradoxal. (p.30)

Citando Deleuze, Jardim e Sousa (2004) assinalam que fugir não denota uma fuga da vida, mas a busca por novas armas, criando vida e produzindo algo real. Ao refletirem sobre o espaço-escola (e incitando a pensar na relação com a Pedagogia, de um modo geral), consideram que este não é um local morto, mas que neste se encontram diferentes forças que insistem e resistem, buscando alternativas para a escola como produção de indivíduos serializados e úteis a partir de práticas diferenciadas que partem da multiplicidade das diferenças e que visam à invenção de singulares possibilidades de vida.

Como uma primeira aproximação de um uso ‘menor’ da literatura infantil, é necessária uma quebra entre as idéias de infância e criança. Kohan (2003) sugere a utilização da imagem da infância como símbolo de afirmação, figura do novo, ruptura e descontinuidade. A infância remeteria ao próprio tempo da experiência, sinalizando a possibilidade de existência e demarcando um jogo de oposições: a infância rompe com a ordem do possível, esperando o inesperável, pensando o impensável, acreditando no que não é crível. A infância relacionada à experiência converte-se em uma situação a ser estabelecida, independentemente da idade da experiência. A infância se refere a um tempo não-cronológico, constituindo-se como devir de uma vida possível e remetendo às senhas que existem sob as palavras de ordem, na medida em que pode transformar as composições de ordem em componentes de passagens.

Propõe-se aqui pensar a infância a partir do conceito de Corpo sem Órgãos. Como explicam Tadeu, Corazza e Zordan (2004), esta expressão, a qual Deleuze toma de

empréstimo de Artaud, não se refere a um corpo vazio, mas coincide com a potência máxima, ou seja, uma vida voltada para os processos de desterritorialização, na qual tudo é ainda possível e deveria permanecer sempre possível, aludindo menos aos órgãos do que ao que se denomina como organismo. Deste modo, para Deleuze e Guattari (1996), um Corpo sem Órgãos só pode ser preenchido por intensidades. A infância como Corpo sem Órgãos consiste em um ideal: espaço de pura intensidade.

Portanto, ao compreender a infância como Corpo sem Órgãos, o infantil é o estrato que lhe impõe formas e funções. Dito de outro modo, o que se enuncia sobre o infantil estrutura-se como o que Deleuze e Guattari (1996) denominam como Juízo de Deus: o discurso dos caminhos retos, o qual constrói as regras pelas quais se apreende o mundo. Entretanto, a cada vez que o Juízo de Deus lhe constrói uma significação, o Corpo sem Órgãos grita, sendo que a infância se desenrola entre dois pólos: de um lado as superfícies estratificadas, nas quais é submetida ao Juízo; de outro a experimentação.

Zourabichvili (2004) indaga: por que Deleuze afirma a primazia das linhas de fuga, se elas são tão frágeis e incertas, enquanto que uma situação representa definir-se especialmente por suas regularidades e movimentos periódicos? E afirma: “a ordem de fato não deve mascarar o direito: se é verdade que a transversal é primordial na experiência, é sobre elas que se constroem as formas e os sujeitos, que devem ser constituídos no dado” (p. 33). Portanto, desfazer o infantil não significa destruí-lo, mas abrir o corpo a conexões, diminuindo-o, estreitando-o, preservando-o para sobreviver, fazendo “passar e fugir os fluxos conjugados, desprender intensidades contínuas para um CsO³” (DELEUZE E GUATTARI, 1996. p. 24). A questão, assim, não é fugir, mas fazer fugir (ZOURABICHVILI, 2004).

Nesta perspectiva, uma literatura infantil pode ser entendida como uma literatura *para* a infância, sendo que a preposição *para* assume aqui o sentido que lhe emprestam Deleuze e

³

Abreviatura de Corpo sem Órgãos utilizada constantemente em Mil Platôs.

Guattari (1997a), ao comentarem o experimento de Artaud de escrever *para* analfabetos: não ‘com vista a...’ ou ‘em lugar de’, mas algo que se faz ‘diante’:

É uma questão de devir. O pensador não é acéfalo, afásico ou analfabeto, mas se torna. Torna-se índio, não pára de se tornar, talvez ‘para que’ o índio, que é índio, se torne ele mesmo outra coisa e possa escapar à sua agonia” (p. 141-2).

Uma literatura para a infância significa um exercício menor. Uma literatura que faz a língua vibrar, que a arrasta, conduzindo a uma região na qual habita uma minoria, que constitui o povo por vir e a nova terra (DELEUZE & GUATTARI, 1997a). Uma literatura para a infância é uma literatura que preserva o novo, renovando formas de viver e pensar o mundo. Um devir-criança que busque, de acordo com as indicações de Jódar e Gómez (2002), resistir à forma-homem que codifica a educação e os modos de se pensar o infantil. Uma literatura que, acompanhando o caminho traçado por Deleuze e Guattari (1997b), almeje a involução, visto que “o devir é involutivo” (p.19), mas sem confundir involução com regressão. Enquanto regredir significa seguir em direção ao menos diferenciado, envolver ocorre *entre* os termos em jogo, formando um bloco que corre de acordo com sua própria linha: envolver é torna-se menor.

Uma literatura menor é uma literatura que se torna criança, extraindo partículas infantis dos acontecimentos e estabelecendo a infância como potência do falso: não cópia ou modelo, mas de acordo com a expressão utilizada por Corazza e Tadeu (2003), diferença-criança.

Descolando-se infância e criança, a primeira afirma-se como condição de ser afetado (KOHAN, 2003), desfazendo-se os dualismos (ou isto ou aquilo, adulto/criança, homem/mulher, heterossexual/homossexual, branco/preto...). Assim, as crianças do mundo, sempre em devir, deslizam entre as ordens, passam entre as idades, produzindo “infinitas infâncias nas linhas de fuga, em relação às máquinas duais por onde passam e que

atravessam”: devir-criança do adulto, devir-adulto da criança, devir-criança do idoso, devir-idoso da criança... (CORAZZA e TADEU, 2003. p. 102).

Ao entender a literatura infantil como menor, tais classificações (infantil ou *adulta*) deixam de fazer sentido: toda a literatura passa a ser infantil na medida em que se constitui como minoritária, devir. Pensar o bloco de infância, como propõem Deleuze e Guattari (1996), significa considerar que não se trata de ser criança ‘antes’ de ser adulto, mas uma estreita contemporaneidade do adulto e da criança. Nesta direção, toda literatura pode ser tomada por um devir-criança. Também não se estabelece um primado de um campo (a literatura) sobre o outro (pedagógico), pois este encontro pressupõe movimentos de criação próprios que repercutem uns sobre os outros.

Se a literatura infantil inicia entrelaçada com um projeto pedagógico, como uma questão de governo do infantil, voltando-se para o que se compõe *entre* a literatura e o infantil, pode-se a perguntar: como escapar ao Juízo de Deus, que arranca a infância de sua imanência e lhe constrói uma significação, um sujeito? Ou, como expõe Deleuze (1992), “como chegar a falar sem dar ordens, sem pretender representar algo ou alguém, como conseguir fazer falar aqueles que não têm esse direito, e devolver aos sons seu valor de luta contra o poder?” (p. 56)

A proposta aqui é subverter o conceito de menor, tornando-o potente. De adjetivo da literatura, transformar infantil em substantivo, um bloco de infância que atravessa a literatura. Como postulam Corazza e Tadeu (2003), trata-se de abandonar a noção da infância como natural, comum, empírica ou mesmo como produção cultural e histórica, entendendo-a como ‘artistagem’. Desta maneira, artificializa-se a infância, a qual se converte em imagem, sendo tratada como objeto artístico, o qual é instabilizado, desequilibrado, desarticulado. O vazio desta infância artificial não traz o prenúncio do que ela irá tornar-se ou a predeterminação de alguma outra infância, mas afirmação de uma outra estética e ética da infância.

Ao indagar sobre o que acontece *entre* a literatura e o infantil, considera-se, acompanhando Deleuze e Guattari (1997b), que uma linha de devir não se define pelos pontos que ela liga ou pelos pontos que a compõem, mas só tem um meio, sendo que o meio não é a média, mas aceleração, velocidade absoluta. Como afirmam Tadeu, Corazza e Zordan (2004), não há pontos, mas justo uma linha que percorre um mesmo *continuum*: um passo para um lado e iremos *para* um ponto, um passo para o outro lado e iremos *para* o outro; entretanto nunca estamos parados *em* um ponto. Deste modo, *entre* a literatura e o infantil, produz-se *uma* criança molecular, salientando-se que, para Deleuze e Guattari (ibidem), os devires são sempre moleculares; enquanto os organismos são formas molares e estratificadas, moleculares são as linhas de fuga, as quais escapam às imagens homogêneas. *Entre* a literatura e o infantil, dois termos que expressam um aparente dualismo, há uma comunicabilidade e inseparabilidade, deslizamento constante de uma mesma multiplicidade.

A partir disto, como colocam Corazza e Tadeu (2003), “ser infantil não é significar nada nem ser suscetível de descrição” (p. 119), sendo que do infantil só se pode afirmar sua existência. E ocorre aqui um deslizamento: se na literatura infantil o segundo termo carregava consigo o peso do Juízo de Deus, o compromisso com o pedagógico e o futuro adulto, pode-se olhá-lo como afirmação de uma infância que apenas é infantil, sem significações para ninguém, que busca fazer experimentações de infância.

FOR A MINOR LITERATURE: LITERARY PRODUCTION FOR THE CHILDHOOD

Abstract

The infantile literature has been related to a minor condition, that is, to a literary production of inferior quality, which is finished in a utilitarian, pedagogic project. The

adjective infantile is associated to a foreseen reader - the child -, and this literary gender holds a strait bond with certain conceptions of childhood that consider the child as a being in development, who needs to be prepared to assume his/her future place in the society. The infantile literature absorbs, in this way, the minor condition of its addressee. The present work seeks to discuss the notion of minor literature starting from Deleuze and Guattari's contributions, that is, not as a literature that has a reduced value anymore, but as a language of a minority facing a larger language, drawing escape lines for the language and making possible the invention of new forces. Thinking on the child in the way it is proposed here, therefore, means to understand him/her as the one who is below the word of order, being out of the images imposed by the majority, and challenging the formation of only one dogma, one truth. The infantile literature becomes, in this way, an alternity exercise, a literature that makes the language to vibrate, leading it to a land where inhabits a minority, preserving the new and renewing ways to live and think the world.

Key-words: childhood, education, infantile literature.

Referências

CORAZZA, Sandra M. *Infância e educação*. Era uma vez... quer que conte outra vez? Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CORAZZA, Sandra & TADEU, Tomáz. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *O Abecedário de Gilles Deleuze*. Paris: Montparnasse, 1997. (vídeo)

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. V.3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

_____. *O que é a filosofia?* 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed.34, 1997a.

_____. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrenia. V.4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997b.

HERMANN, Nadja. Razão e sensibilidade: notas sobre a contribuição do estético para a ética. *Educação e Realidade*, v. 27, nº1, p. 11-26, jan./jun. 2002.

JARDIM, Alex F. C. e SOUSA, Péricles P. Educação, linhas de fuga e a invenção de novos modos de existência. In: II Colóquio Franco-Brasileiro de Filosofia da Educação. *Anais...* Rio de Janeiro, 2004.

KOHAN, Walter. *Infância. Entre educação e filosofia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 6 ed. São Paulo: ed. Ática, 1999.

LYONS, Martyn. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALO, G. & CHARTIER, R. (org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 2002. p. 165-202.

MATHIAS, Érika Kelmer. Implicações políticas nas formas discursivas de uma literatura menor: o caso João Gilberto Noll. In: XI Encontro Regional da ABRALIC, 2007, São Paulo. Anais do XI Encontro Regional da Associação Brasileira de literatura Comparada, 2007. <http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/5/1518.pdf> (acesso em 25.6.2008)

MORTATTI, Mara do Rosário L. Leitura crítica da literatura infantil. *Leitura: Teoria e Prática*, ano 19, n. 36, p.11-16, dez. 2000.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra e ZORDAN, Paula. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *A Literatura Infantil na escola*. 10ª ed. São Paulo: Global, 1998.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Rio de Janeiro: IC, 2004. (versão eletrônica)